

cadernos

JUNGUÍANOS

nº 3 - 2007

Artigos

Loucura
Cor-de-Rosa, ou
por que Afrodite
Leva os Homens à
Loucura com
Pornografia?

Sobre a
Imaginação Ativa

Cores da Sombra:
o mito de
Filomela e uma
cena de Eliot

Uma Abordagem
ao Sonho

Imagens da
Anima nas Canções
de Tom Jobim: "As
praias desertas"

Entrevista
Dra. Ruth Ammann

Resenhas

“SER DIFERENTE”

do patinho feio ao pingüim Mumble

(*Happy Feet* – o pingüim)

Direção: George Miller

Austrália, 2006

Denise Maia*

Happy Feet conta a história de Mumble, um pingüim imperial, que nasce diferente de todos da sua espécie e, por isso, é desvalorizado pela comunidade. Como os demais, logo ao nascer é estimulado a cantar “a canção do seu coração” – a voz interior que precisa ser encontrada para que cada pingüim possa descobrir quem realmente é.

Mas Mumble não consegue cantar nem perceber essa voz, embora sapateie e dance de uma maneira especial e singular. Seus pés, que não param de saltitar, incomodam a todos, em especial o pai, que quando percebe a diferença entre o filho e os outros pinguins quer logo entender o que há de errado. Ao que Mumble simplesmente responde: sou feliz e meus pés expressam isso.

Esse “diferente” e “desconhecido” assusta e provoca estranhamento, talvez por isto, o movimento dos pés de Mumble foi considerado pelos pais e pela comunidade como bizarro e inadequado.

O filme de George Miller atualiza o conto “O Patinho Feio”, de Hans Christian Andersen, e foi recorde de bilheteria nos Estados Unidos.

Como as demais histórias e contos de fada, esta também fala diretamente ao imaginário infantil, habitado por diversos personagens cujas peripécias são repletas de magia. O mundo da fantasia é a única forma que o pensamento infantil admite, pois através dele a criança entra em contato com os inúmeros símbolos que falam sobre conflitos, possibilidades de apreensão e reelaboração do universo.

Repletos de conteúdos arquetípicos, os livros e imagens de um filme estão imersos na fantasia. E as lutas e experiências de seus personagens fornecem as melhores pistas para a compreensão dos processos que se passam na psique coletiva – metáforas das diversas fases de desenvolvimento da personalidade. Essas imagens arquetípicas despertam um enorme fascínio, tanto que se tornam eternas, re-significando, a cada geração, a existência humana.

Na história de Andersen, o patinho nasce diferente dos outros da ninhada e, como Mumble, também não é aceito. Os intensos sentimentos de rejeição e exclusão surgem a partir da segregação e não aprovação coletiva, deixando os protagonistas dessas histórias fracos e solitários na busca da própria identidade. Eles precisam se descobrir, se reconhecer e se sentir acolhidos como parte integrante do grupo.

Partem, então, para sua heróica peregrinação. Mas o herói, que a princípio é frágil, traz em si a semente de uma vida futura. Tudo está predisposto internamente como possibilidade.

A criança também é assim no seu “vir a ser”, para quem o olhar materno e coletivo são fundamentais no seu desenvolvimento como pessoa.

Segundo Brandão, C. no trabalho, *Identidade e Etnia*, o “outro” diferente de mim sugere a necessidade de ser decifrado, para que lados mais estranhos de mim mesmo sejam traduzidos, também, através dele.

Ao ser rejeitado, Mumble parte rumo a aventuras e respostas para seus questionamentos. Vive perigos e desafios em suas experiências, além de descobrir pingüins de outras comunidades e com eles se identificar.

Encontra Lovelace, um pingüim sábio, com quem compartilha suas dúvidas e questões.

O que será que este pingüim diferente traz como possibilidade de transformação no consciente coletivo daquele grupo?

Os arquétipos são ativados numa dada situação e se sua importância for apreendida por um grupo de pessoas, com o tempo podem ser assimilados pela comunidade, acarretando mudanças significativas, como uma espécie de individuação grupal.

Ser diferente e dançar atraiu a atenção de outros pingüins e também de seres humanos. Mumble passou a ser interessante e a partir de sua habilidade com os pés, trouxe para seu grupo a possibilidade de ser olhado e respeitado em suas necessidades de sobrevivência.

Os pingüins imperiais, a partir de então, aprenderam com ele a dançar.

Existe uma capacidade nos seres humanos, que apesar de submetidos a situações adversas e de grande sofrimento psíquico podem sobreviver, se recuperar e se superar. Esta capacidade é a resiliência, que permite mesmo com as dificuldades inevitáveis da vida, a tolerância e a transformação.

Assim, metaforicamente falando, tanto o patinho feio quanto Mumble, o pingüim imperial, conseguiram desenvolver uma proteção interna e cresceram, embora o mundo externo lhes tenha sido extremamente hostil e ameaçador.

O patinho feio tornou-se um esplêndido e respeitado cisne e Mumble descobriu que a sua canção do coração, estava na dança dos seus pés.

* **Denise Diniz Maia** é psicóloga, membro analista da Associação Junguiana do Brasil (AJB)
E-mail: casamaia@terra.com.br